

# JOÃO TORDO

O luto de Elias Gro



COMPANHIA DAS LETRAS

*Para a Ana.*

*Que o céu exista, mesmo que o nosso lugar seja o inferno.*

JORGE LUIS BORGES

*Eu era passageiro e responsável por um naufrágio, passara  
uma vida inteira a cavar um buraco no casco e, agora,  
procurava o mastaréu para não morrer afogado.*

LARS DROSLER, *Ódio e Ocidente*

O nome dos lugares encontra-se deliberadamente oculto.

Tudo o resto aconteceu quase precisamente assim.

O paraíso deve consistir no cessar da dor, disse Elias Gro quando o fim se aproximava. O homem pendurado na cruz observava-nos em silêncio reverente, na sua eterna compaixão. Elias repetiu as palavras, que não eram suas, e fixou o olhar no pássaro que bicava o vidro da janela; escutámos, vindo do exterior da casa de pedra, o rumor das copas revoltas, o rugir dos ventos da tempestade vindoura. Eu estava sentado numa cadeira e ele, deitado, tão doente quanto o corpo permite, era pouco mais do que uma sombra. Talvez valha a pena dizer-vos que só muito depois do princípio é que eu soube da sua doença. Do princípio? Sim, deste princípio: pode ser que faça sentido começar assim.

Outra vez.

Ele estava doente, tão doente quanto o corpo permite, e eu, que acordei demasiado tarde de um sonho cruel, cruzei-me com Cecília e com o homem pendurado na cruz, e foram estes dois — cada um no seu infinito talento para a teimosia — que me mostraram o caminho. Na verdade, não existe caminho. Convencemo-nos dele e, de tanto fingirmos que faz sentido

percorrê-lo, acabamos por descobrir que, na nossa esteira, se apaga como a película de pó que cobre os móveis num quarto cujas janelas alguém acaba de abrir ao fim de anos de esquecimento. Resta-nos prosseguir sem saber para onde vamos, se seremos capazes. Sem a cumplicidade das coisas já vistas, pois essas perdem-se a cada instante. Para isto, e para outros assuntos mais chegados à vida terrena, é que servem estas palavras; mas é sobretudo para isto.

O funeral foi há muitos anos. Eu já não habito a ilha, porém o farol é uma memória que ainda me traz inquietação. Ficava no cimo de um outeiro, seguido de uma escarpa que desembocava numa magnífica enseada delimitada por rochedos; entre os rochedos, como num gesto de gratidão, havia uma pequena praia de areia escura e águas tépidas. Descobri a ilha numa revista. Diziam que nela viviam menos de cem pessoas e que, na época balnear, os turistas a visitavam em grupos muito pequenos, uma vez que só era acessível por *ferry*. Liguei para um amigo que conhecia essa parte do mundo e, depois de alguma insistência e de muita conversa, acabei, um dia, a falar com um homem chamado Heinrich, um alemão de modos bruscos que me disse que, entre outras casas, tinha um farol para alugar na ilha. O farol encontrava-se desactivado havia algum tempo por causa das alterações nas rotas marítimas e, se eu estivesse interessado, o preço era mais acessível do que o preço das casas. Tinha uma desvantagem, advertiu-me. Qual era? Ficava distante da única povoação. Cerca de três quilómetros, que se tornavam mais difíceis de percorrer à noite ou se o terreno estivesse enlameado. Mas isso é uma vantagem, respondi.

Estávamos em Fevereiro e fazia três meses que a chuva não dava tréguas. Olhei pela janela do café e vi uma senhora de idade, que segurava um guarda-chuva, a ser arrastada pelo vento; do outro lado da estrada, uma mulher praguejava, hesitando em atravessar com o semáforo vermelho; numa fila imensa, os carros buzinavam ruidosamente. Heinrich não podia adivinhar, pela minha voz, quanto me consolava e, ao mesmo tempo, quanto me aterrorizava a ideia de me afastar da humanidade. Era uma fantasia que atraía muita gente mas que, habitualmente, ficava por cumprir. Perguntei-lhe quanto tempo podia ficar no farol.

Fica o tempo que quiser, respondeu Heinrich.

Garanti-lhe os primeiros três meses de renda. Depois, acertaríamos o valor. O homem ficou satisfeito. Recordo-me de que olhei para cima, para o círculo irregular no vidro da janela que ainda não tinha embaciado, e que vi, no segundo andar do prédio que ficava em frente ao café, um vulto a movimentar-se. Eu conhecia bem aquele vulto. Havia semanas que o observava daquele lugar. É assim que se enlouquece, disse a mim próprio ao pagar a conta e sair. Cinco minutos passados, estava em frente do cemitério. A água lavava-me o rosto, escorria-me do queixo; as roupas ensopadas, tão chegadas ao corpo que quase não as distinguia da pele, roupas e pele são a mesma coisa debaixo de chuva.

Quando cheguei à ilha, Heinrich foi buscar-me ao pontão onde os barcos atracavam. Era um passadiço de madeira decorado com dois enormes vasos de flores. Pareceram-me gerânios, mas não pude ter a certeza e não prestei atenção. Fiquei

espantado com a figura de Heinrich. Pela voz ao telefone, esperava um tipo soturno, mas quem apareceu, naquela manhã, foi um homem sorridente que acenou ao barqueiro, tratando-o pelo nome. Usava um gorro na cabeça e tinha as unhas encardidas. Explicou-me que as tinha assim porque passava o dia com as mãos enfiadas na terra; além de alugar casas, ocupava o seu tempo com a jardinagem. Olhei para trás: o pequeno barco branco e azul que me trouxera, no qual não caberiam mais de cinco pessoas, dera meia-volta e afastava-se na direcção da península, de onde viéramos. O dia estava escuro e, no céu, uma colagem de nuvens pardacentas ameaçava temporal. Chegara a tempo, pensei; um pouco mais tarde, e a travessia não teria sido possível. Havia um *ferry* que fazia a ligação duas vezes por dia, mas eu escolhera viajar numa embarcação privada porque, por esses dias, podia rebentar a chorar a qualquer minuto.

Foi dura a viagem?, perguntou Heinrich.

Vivo muito longe, respondi.

Muitas horas?

Muitas.

Fala bem francês.

Obrigado. O senhor também fala bem inglês, visto que estamos a falar inglês.

Oh, disse Heinrich, e riu-se. Tem razão, estava distraído. Podemos falar francês, se quiser.

O inglês serve-me.

Entrámos no carro de Heinrich, um jipe velho sem tejadilho, e avançámos por um carreiro de terra que dividia um campo verdejante a perder de vista. Devo confessar-vos que a única coisa que a memória do corpo me traz são os solavancos. Duas



malas, o alemão e eu, aos saltos nos bancos desconfortáveis daquela espécie de carroça a que só faltavam os burros. Mais tarde, durante os meus passeios, repararia nas plantações imensas de girassóis que se abriam à luz e se fechavam quando a noite se punha; repararia nas nuvens brancas que, por vezes, voavam tão baixo que pareciam servir de chapéu àquele pedaço de terra; repararia que, do lado ocidental, numa encosta que conduzia aos casebres e esquifes dos pescadores, havia um cemitério onde os habitantes enterravam os seus; e repararia na igreja, embora essa fosse uma visão difícil, com a qual lutei durante muito tempo.

Demorámos muito a atravessar a ilha. O carro morria a cada duzentos ou trezentos metros, e Heinrich tornava a rodar a chave na ignição e o motor ressuscitava. A certa altura, apontou para o lado direito. À distância, assentes num vale, aglomeravam-se vinte e cinco ou trinta casas azuis e vermelhas, algumas brancas, de telhados em tesoura, dispostas num misterioso ordenamento que parecia não contemplar um centro. Algumas casas estavam voltadas para o mar; outras na direcção da estrada que conduzia à vila; outras ainda, de aspecto mais antigo, encarrilavam a norte, apontadas ao afunilamento da terra, onde o verde ia cedendo lugar à areia, e esta, por sua vez, conduzia a uma fileira de rochas que eram engolidas pelas águas. O carro morreu novamente.

Ali havia uma casa, disse Heinrich, rodando a chave.

Onde?

Vê aquelas rochas, já dentro de água? Havia ali uma casa vitoriana de dois andares, construída em 1886 ou 1888. Há já uns anos que foi engolida pelo mar.

Engolida pelo mar, repeti.

Acontece, disse Heinrich. O carro voltou a pegar. Chama-se erosão costeira. O mar vai-se chegando, devagarinho, devagarinho, e aquilo que julgávamos estar em terreno sólido acaba por resvalar a pouco e pouco. Quando damos pela coisa, está por um fio e já não há nada a fazer. As pessoas da vila ainda fizeram uma petição para transplantar a casa, mas era demasiado caro e ninguém se importou muito.

Quem é que lá vivia?

Nos últimos anos ninguém, respondeu Heinrich. Começávamos agora a descer uma colina; a estrada ia contornando o cume da ilha, à nossa esquerda, e o carro inclinava-se ligeiramente para a direita. Segurei-me à porta para não resvalar. Atrás de mim, as malas agitavam-se como saltimbancos.

Quero dizer, continuou ele, viveu lá um escritor, mas foi há mais de trinta anos, muito antes do meu tempo.

Que escritor?

Chamava-se Lars Drosler.

Não conheço.

Quase ninguém conhece. Era dinamarquês. Ou seria sueco? Vá-se lá saber. Viveu ali sozinho durante os últimos anos de vida. E, agora, a casa afundou-se. Se quiser vê-la é só mergulhar com um escafandro. Há-de encontrá-la bem lá no fundo.

Quando a curva terminou vi o farol. Ficava no final da estrada, que prosseguia em linha recta por mais um quilómetro. Ladeava-a um campo de terra mais escura, talvez vulcânica. Depois a terra perdia a horizontalidade e erguia-se subitamente num outeiro, atrás do qual se escondia o mar. O farol era vermelho e branco com uma cúpula preta, que servia de observatório e local de nidificação para um bando de gaivotas. Os pássaros

ignoraram a chiadeira do jipe, que subiu o declive com dificuldade. Estacionámos ao lado do farol e saímos; Heinrich ajudou-me com as malas.

Ao contrário da sensação de ausência que guardo do momento em que saí do barco, as minhas primeiras impressões do farol permanecem bastante vívidas. Recordo sem dificuldade o cheiro a humidade assim que o alemão abriu a porta — o chão coberto de uma neve esfarelada, lascas da patine branca que, com o tempo, começara a descolar-se das paredes; o rodopio da vertigem ao ver a escada de caracol que conduzia ao topo; e, acima de tudo, a constatação da solidão que, até esse instante, permanecera uma ideia por concretizar. O piso inferior era um círculo sem nada. Uma velha secretária, a um canto, que teria feito as vezes de uma recepção nos tempos em que o farol ainda funcionava, e, no centro, a coluna de sustentação das escadas. Estava um frio imenso; um postigo embaciado era a única maneira de ver o exterior quando a porta se encontrava fechada.

Reconheço que, durante um minuto, me arrependi. Apeteceu-me pegar nas malas e fugir daquele lugar. Duvido que mais alguém tivesse alugado o farol: havia demasiado pó acumulado nas mobílias, demasiada humidade nos espaços escosos; metade das luzes não funcionava. Heinrich ligou e desligou um interruptor junto da porta, mas nada aconteceu. Não eram, contudo, as condições precárias que me enchiam de terror. Era a materialização do impensável, como se eu tivesse decidido a minha vida por catálogo, ainda sem compreender que a uma escolha se seguem as consequências dessa escolha. Agora eu morava ali, naquele túnel circular plantado no limiar de uma

escarpa; seria ali, enregelado e mergulhado na penumbra, a quilômetros da alma mais próxima, que lidaria com o passado.

Heinrich começou a subir as escadas, carregando uma das malas, e eu segui-o. O coração latejava-me de tristeza; senti-me um condenado que, ao atravessar aquela porta, se deitava voluntariamente na cova, à espera de que o alemão, fazendo o papel de cangalheiro, me cobrisse com pazadas de terra.

O segundo andar era uma arrecadação (praticamente vazia), o terceiro a casa das máquinas, da caldeira e do gerador, no quarto ficavam os aposentos do faroleiro e no último, acessível por um alçapão, a torre circular e a varanda onde, havia mais de uma década, a luz morrera. Heinrich recomendou-me que não subisse à torre; os aposentos tinham janelas a sul e a norte e o ar circulava livremente se as mantivesse abertas. O quarto era muito pequeno. Pendurado no tecto havia um televisor a preto e branco; um sofá grená a um canto, uma lareira (embora também existisse um aquecedor a gás ao lado do sofá), uma cama de solteiro, um candeeiro a petróleo sobre uma mesa quadrada e um relógio de parede octogonal que parecia ter desistido de assinalar a passagem do tempo. As paredes eram de tijolo castanho. No chão, meio abandonado, repousava um telefone de disco; atrás da porta estava pendurado um fato-macaco cinzento.

Caso queira pôr mãos à obra e consertar este lugar, agradejou Heinrich.

Ele hesitou entre deixar a mala dentro do quarto ou fora. O espaço era tão diminuto que não conseguíamos entrar e sair sem chocarmos. Pedi-lhe que pousasse a mala na cama. Ao sair do quarto, percebi que era perigoso fazê-lo apressadamente: um passo em falso e resvalaria pelas escadas de caracol; como

estas eram de ferro, a queda seria, provavelmente, fatal. Ao lado do quarto, uma casa de banho, depois uma pequena cozinha; do outro lado desse patamar, uma sala ao comprido atafalhada de móveis: um fogão antigo, três cadeiras, vários candeeiros, uma sela de andar a cavalo e uma grafonola. Do lado esquerdo encontrava-se uma estante de livros. Peguei em alguns volumes ao acaso. Dois eram de autores que eu desconhecia e o outro, um livrinho de contos de Jorge Luis Borges. Devolvi os dois primeiros à estante e trouxe o terceiro; prometi a mim próprio que arrumaria aquele espaço para poder sentar-me a lê-lo.

Heinrich ficou a observar-me do quarto. Continuava a sorrir, como se o tempo, que se punha catastrófico — as rajadas de vento castigavam aquele cilindro de pedra —, e o pobre estado de conservação do farol não lhe suscitassem qualquer sentimento de responsabilidade. Segurava o gorro entre as mãos. Devo dizer que gostei de Heinrich, apesar de, nesse primeiro encontro, o ter achado meio palerma. Talvez fosse uma reacção natural. De qualquer modo, ao fim de tantas horas de viagem, eu já atravessara o limiar da irritação e dispunha-me a aceitar, de bom grado, o que me fosse oferecido, desde que não estivesse à mercê dos elementos e da volatilidade dos homens.

Abri uma das malas. As luvas de boxe saltaram imediatamente, como se ansiassem por ar fresco.

Boxe!, disse Heinrich, entusiasmado. É lutador?

Sou pugilista profissional, respondi.

É importante dizer-vos que não sou, nem nunca fui, pugilista profissional, ainda que o boxe, recentemente, constituísse uma espécie de passatempo. Nunca me interessei pelas lutas

da televisão ou pelos grandes pugilistas. Ouvia falar deles, mas as suas façanhas eram-me indiferentes. Foi nos meses que se seguiram à minha separação que me interessei pela sua prática. Derrotado, atravessava o átrio de um centro comercial e avistei as luvas na montra de uma loja. Eram vermelhas e brancas, tal como o farol. Comprei-as e comecei a treinar no apartamento, sozinho, contra uma almofada que coloquei em cima de um armário encostado a uma parede. Descobri que, enquanto dava murros na almofada, não pensava, e que era isso que eu mais desejava: cancelar as palavras que, em liberdade, sussurravam às palavras seguintes, até formarem uma teia que se urdia em meu redor, cada palavra segregando, na sua esteira, o fio que a unia à palavra seguinte, mantendo-me aprisionado num casulo. Bastava qualquer palavra que ela houvesse pronunciado — e ela pronunciara tantas. Bastava, por vezes, uma imagem: a maneira como uma mão de mulher pousava sobre o colo ou coçava levemente o lóbulo da orelha; o dedo mindinho curvado ou as unhas um tanto roídas; o cabelo preso ao alto da cabeça por um gancho, num novelo; os olhos um pouco molhados, ou de uma cor que oscilava entre o castanho e o verde, conforme o tempo, olhos cuja qualidade principal era estarem vivos em dias alegres e opacos quando a melancolia chegava e as estações mudavam. Uma barriga a crescer, desproporcionada para o resto do corpo. Coisas destas. Imagens que traziam consigo palavras — mãos, cabelo, olhos — e palavras que traziam consigo outras palavras, mais pequenas, detalhes apenas, mas suficientemente dolorosas para que eu quisesse esmurrá-las até nada mais restar senão a fantasia, a que sempre chega quando, exaustos, já não aguentamos o rugir da batalha, erguendo finalmente a bandeira branca

que será a nossa única companhia enquanto tentamos reconstruir, impotentes, a narrativa do nosso fracasso.

Passei algumas semanas a dar murros na almofada e, depois, inscrevi-me num ginásio, onde passei a levar murros de um pugilista amador. A sensação, a princípio desagradável, cedo se tornou um vício. Os meus dias decorriam, assim, em três lugares distintos. O apartamento alugado; o café de onde observava o segundo andar do prédio; e o ringue onde me esmurravam três a quatro vezes por semana. Na verdade, falta acrescentar um lugar a esses três. Atribuo-lhe essa designação pela frequência com que por lá passava: a prateleira dos *whiskys* no supermercado. Consumia ao ritmo de uma garrafa por dia, começando à hora do almoço e nunca me deitando sem dois ou três copos a seguir ao jantar. Foi tarde na vida que compreendi esta relação enigmática entre os homens e a bebida. Aprendemos, ao experimentar essas doses iniciais de euforia oferecidas pelo álcool, que, aconteça o que acontecer, podemos com ele debelar a terrível constatação da nossa impotência, suavizar a dor. A garrafa amacia o impacto das colisões, vai erodindo esses gumes afiados da realidade, copo atrás de copo, até que, paradoxalmente, perdemos toda a resistência ao sofrimento.

Mantive esta rotina durante muito tempo; ou, pelo menos, o que me parece ter sido um período longuíssimo. À noite, deitado no sofá da sala (o apartamento estava praticamente vazio de mobília), começava por me abismar com o que ia encontrando dentro de mim e depois pedia ao *whisky* que o ocultasse; como uma criança que se esconde num labirinto e que só encontramos a espaços: uma perna aqui, a cabeça acolá, acenando-nos de uma esquina para logo tornar a desaparecer. Abismava-me

a ausência; a maneira como, primeiro com a morte, depois com a separação, eu ficara reduzido a um invólucro cheio de coisa nenhuma. Se alguém soprasse com mais força, eu giraria no ar com a leveza de uma folha caindo de uma árvore até que, a gravidade permitindo-o, pousaria num canto onde permaneceria esquecido. Disso me lembravam as contusões e os sobrolhos negros do pugilato; disso me recordava o lábio ensanguentado das quintas-feiras à noite: que eu estava pronto para a colheita, maduro como uma uva prestes a rebentar de sumo e, contudo, ainda lutando por me preservar intacto, por mais duro que fosse o golpe que me aplicassem.

Mãos, olhos, cabelo.

No segundo dia atropeliei a rapariguinha. Há qualquer coisa estranha em escrever isto. Embora saiba que ela não passava de uma rapariguinha — esguia, desengonçada, as pernas, apertadas nos *collants*, da espessura de galhos —, é-me difícil imaginar que houve um tempo em que, para mim, Cecília não passava disso. Não lhe daria três segundos da minha atenção; se, perdida num lugar tumultuoso, me pedisse ajuda, eu tê-la-ia levado, incomodado, a alguém que a pudesse ajudar. Não me ocorreria dar-lhe a mão ou perguntar-lhe do que ela precisava. E, no entanto, foi precisamente isso que ela fez por mim. Mas adianto-me.

Nessa manhã percorri o caminho que conduzia à vila. A estrada abria pelo meio do campo de rocha vulcânica; quando cheguei à curva, avistando o verde dos campos do outro lado do monte, percebi que teria de resolver o problema das distâncias. Começara a chover. Olhei para trás e vi o farol afogado na



neblina. Pouco passava das oito e desde as seis que eu me contorcia na cama, procurando o sono. Dormir no farol era como dormir dentro de um aquário. Tudo me parecia ampliado, do ranger das madeiras ao vento que maltratava as paredes; uma caixa-de-ressonância cuja única saída era uma espiral de degraus vinte metros acima do chão. A escuridão era avassaladora, como nunca antes a sentira. Era uma escuridão física, que se colava ao corpo como o suor de uma doença; a meio da noite, despertando de sonhos terríveis, cambaleei até à janela procurando consolo, e tudo o que vi foram as ondas que chegavam à praia, desfazendo-se com violência nas rochas. Sabia que devia ter trazido uma garrafa, mas era tarde demais para pensar nisso. Durante algum tempo fiquei a observar o negrume das vagas e o frio cortante que atravessava a enseada, acompanhado pelo uivo fantasmagórico dos ventos. Então fechei a janela e deitei-me a tremer. Quando tornei a despertar, agradei a luz benfazeja da madrugada.

Agora, ao emergir do outro lado do monte, vendo, à esquerda, as casas na distância do vale, compreendia que, se tivesse meio de transporte, a solidão seria menos cruel: em poucos minutos pôr-me-ia na vila se precisasse de ajuda. Mas ajuda para quê?, perguntei-me, se a minha intenção era precisamente estar sozinho. Se precisasse de uma bebida, concluí; se precisasse de uma bebida.

Olhei para os sapatos cobertos de lama. Heinrich avisara-me de que aquele trajecto era moroso; os meus pés pisavam a terra ainda húmida da noite anterior e agora novamente salpicada pela chuva. Os campos, à minha esquerda, abriam até ao mar num deslizar de verde intenso, aqui e ali amarelecido pela

forragem ou interrompido por uma clareira de flores brancas. Saí da estrada e meti pelo declive. A cidade distava quinhentos metros mas, naquele terreno, levaria algum tempo a chegar. Olhei para cima e descobri uma nuvem rancorosa pairando sobre a ilha. À distância, semicerrando os olhos, avistei o pontão de rochas e imaginei a casa vitoriana que o alemão descrevera. Quase insone e ainda afectado pela viagem, perguntei-me se o teria sonhado. Uma casa no fundo do mar, murmurei, dando um passo ao lado para evitar uma bosta das muitas que grassavam pelo prado. Calculando distâncias, o farol encontrava-se do lado contrário ao cais onde eu desembarcara, o que tornava uma fuga rápida uma impossibilidade. Também precisaria de umas botas: agora em terreno plano, os sapatos enterravam-se cada vez mais fundo nas areias movediças em que a chuva transformara o solo. Ainda faltavam umas semanas para a Primavera e, calculando que, para sobreviver, teria de me aventurar por ali mais vezes, seria mais confortável fazê-lo com as meias secas.

A vila não tinha ordenamento. Havia carreiros improvisados que seguiam o desnível até ao mar e que se enredavam pelo meio das casas; mais abaixo, onde a confluência de habitações era maior, uma estrada de terra percorria a povoação. As casas tinham mais cores do que eu notara no dia anterior. Algumas fachadas eram salmão com telhados azuis; outras, castanhas com telhados vermelhos. A ocidente, mais distante, havia um celeiro cinzento, de grandes dimensões. Era curioso andar por ali. Se desatasse a correr, acabaria por tombar no oceano sem grande espalhafato. As águas distavam três ou quatro metros da parte mais alta da estreita falésia que delimitava aquele lado da ilha e, na parte mais baixa, a superfície de terra dava lugar

ao oceano de maneira orgânica, sem sobressaltos; as gaivotas passeavam na areia, ou pousavam nas rochas, agitando as asas e observando o infinito.

Meti pela estrada de terra. A chuva dera tréguas, mas eu estava encharcado. Os meus sapatos chapinhavam e espirravam água; por baixo do casaco, tinha a camisola colada ao corpo. Não havia viva alma. Perguntei-me se Heinrich viveria por ali, mas cedo esqueci esse pensamento. Mais à frente, junto de uma casa azul-celeste, estavam dois homens a conversar. Um deles fumava cachimbo e era muito velho, de barba branca comprida e cabelo desgovernado; o outro usava um gorro às riscas e, de braços cruzados, escutava atentamente. Aproximei-me e, pedindo desculpa por interromper a conversa, perguntei se conheciam alguém que me alugasse um carro. O ancião puxou do cachimbo e voltou a atenção para o companheiro. Reparei então que este era cego, ou tinha os olhos tão claros e tão ausentes que parecia cego; como o outro não disse nada, o fumador ripostou, num francês antiquíssimo:

Há três veículos na ilha. O autocarro, que só funciona no Verão, a furgoneta dos bombeiros e o jipe do alemão.

Quatro, corrigiu o outro.

Quatro?, perguntou o velho.

Esqueceste-te do tractor do senhor Pedersen.

Ah. E o tractor.

O velho voltou-se na minha direcção e tirou o cachimbo da boca. Vi-lhe os dentes podres e os pêlos que emergiam das narinas.

Qual deles é que lhe dava mais jeito?

Riram-se os dois. O meu silêncio deve ter parecido um sinal de ofensa (na verdade, estava exausto e a molha deixara-me

impaciente), porque o mais novo, tacteando o ar, aproximou-se e levou a mão ao meu ombro. Encontrando-me, afagou-me o braço como quem afaga uma criança que caiu do baloiço antes que desate a chorar.

Vá, vá, disse ele. Era só uma brincadeira.

Só têm mesmo quatro veículos?, perguntei.

Com um gesto do braço, o velho abarcou a baía. Temos tudo o que precisamos aqui. Quando precisamos de coisas que não temos aqui, vamos buscá-las a pé ou usamos isto.

O velho foi à casa mais próxima e pegou numa bicicleta que estava encostada à parede. Era um modelo antigo, em ferro, com um farol destruído e os eixos das rodas vergados e cobertos de ferrugem.

É extremamente moderno, continuou ele, montando no selim. Dá-se aos pedais aqui e, com algum equilíbrio, leva-nos aonde queremos ir. Assim, olhe.

O cego, de boca muito aberta, mostrando uma fileira de dentes irregulares, batia palmas enquanto o outro circulava às curvas e contracurvas. Senti-me ridículo, ali parado, a observar as palhaçadas daqueles dois, e fiz-me ao caminho. Quando olhei brevemente para trás, o homem tinha caído da bicicleta e, estatelado na erva molhada, clamava por ajuda.

A estrada curvava na direcção do mar e então avistei uma loja. Tinha um letreiro à porta que dizia: *Épicerie Boulay*. Entrei. Um homem de bigode e avental axadrezado acolheu-me; expliquei-lhe que chegara à ilha na noite anterior e que precisava de mantimentos, botas e um meio de transporte. Ele enrolou a ponta do bigode, como se pensasse seriamente sobre o meu caso. A loja era um pequeno mercado (os vegetais eram frescos, tudo

o resto enlatados) mas também vendia carvão, lenha, cigarros e bebidas alcoólicas.

Mantimentos, arranja-os aqui.

Está bem, concordei.

Posso alugar-lhe uma bicicleta. Se quiser uma sua, terá de mandar vir do continente. É uma boa bicicleta.

Está bem.

Confie em mim.

Foi às traseiras e regressou com uma bicicleta amarela velhíssima, com o guiador torto e o selim meio desfeito; faltava-lhe o travão do lado esquerdo e as correntes encontravam-se muito enferrujadas. Mas tinha um cesto à frente onde eu podia transportar as compras e combinámos um preço. Saí da loja com uma garrafa de *whisky*, feijão e truta enlatados, pão, alguma lenha, acendalhas e fósforos. Cabia tudo no cesto excepto a lenha, que tive de carregar debaixo do braço, embrulhada em papel de jornal. Ansiava regressar ao farol, acender a lareira, comer e dormir o resto do dia. O dono da loja explicara-me que, continuando por aquele caminho, na direcção da água, poderia depois contornar a baía e chegar ao farol pelo lado mais ocidental; não precisaria de atravessar a terra vulcânica enlameada. Transportando a lenha debaixo do braço e conduzindo a bicicleta só com uma mão, passava por um conjunto de casas voltadas para o mar quando, do lado esquerdo, reparei numa taberna. Sobre a porta havia uma placa onde se lia:

*Le Calme Avant la Tempête*

\*

A rapariga surgiu de parte nenhuma. Parece exagero dizê-lo, mas a verdade é que foi essa a sensação que a minha consciência registou: que aquela figura se materializou ali e que, por mais atento que eu estivesse, por mais que a minha atenção fixasse o momento presente e não andasse arredada, o choque teria sido impossível de evitar. Bati-lhe com a parte lateral da roda, pois guinei a tempo, mas a colisão deitou-nos a ambos ao chão. A miúda caiu sobre o braço direito e começou de imediato a queixar-se da dor; eu caí embrulhado na bicicleta e nas compras e bati com a testa num dos troncos de lenha (mais tarde, Cecilia contar-me-ia que a fitei durante largos segundos antes de colidirmos; eu juraria que não, que olhava para o nome da taberna no momento do choque. Ela acabaria por prová-lo ao demonstrar que o lugar onde chocáramos ficava a mais de vinte metros do *Le Calme Avant la Tempête*). Houve um segundo de silêncio e depois, arrastando-me de joelhos, fui ver o resultado da minha distração. Uma rapariguinha de dez anos, talvez doze, deitada de lado, abria a boca numa careta de dor sem fazer qualquer som. Peguei na miúda em braços: levíssima, o cabelo curto e espigado, quase louro, roçando-me a boca. Tinha sardas e exibia os dentes muito brancos, os incisivos mais compridos do que os restantes, num murmúrio quase surdo; segurava o braço direito com a mão esquerda. As compras estavam espalhadas pelo chão. Uma lata de conservas rolava pelo caminho abaixo. Estremeci. Uma senhora veio ao nosso encontro; emergira de uma porta escancarada numa casa próxima. Vendo a minha aflicção, perguntou-me:

Foi grave?

E depois, para a rapariga:

Cecilia?

Foi muito grave, respondeu ela, e fingiu que desmaiava.

A mulher levou-nos para sua casa. Chamava-se Alma. Atordoado, desculpei-me várias vezes. Deitei Cecilia no sofá e reparei que eu tinha sangue nas mãos; numa moldura vazia que repousava sobre um móvel, vi o meu reflexo: sangrava da cabeça. Alma regressou com um alguidar de água quente, uma toalha e gaze. Era baixa e redonda e usava um fato-macaco por cima de calças de ganga e uma camisola de angorá cor-de-rosa; nos pés trazia umas socas com meias. Parecia que o cego lhe escolhera o guarda-roupa.

Limpe lá essa ferida, disse-me. Eu trato dela.

Pôs-se a enrolar a gaze em volta do braço da miúda. A sala era de uma triste simplicidade. Duas cadeiras de plástico voltadas para um televisor desligado; o sofá; uma mesa de jantar onde repousava uma jarra com flores brancas, colhidas nos campos. Limpei a ferida. Depois Alma foi à cozinha e ouvi-a falar ao telefone. Olhei para Cecilia, que me devolveu o olhar. Tinha o antebraço pousado sobre o colo, enrolado em gaze branca. Sentei-me ao seu lado, disposto a fazer as pazes ou a encontrar maneira de a compensar.

A Alma não é minha mãe, disse a miúda.

Ah.

Não estejas preocupado.

Não estou, menti.

E não chores.

Não estou a chorar.

É a mulher do senhor Pedersen.

Chama-se Alma Pedersen?

Sim.

Bonito nome.

O senhor Pedersen e ela estão separados, mas, às vezes, ele dorme aqui.

Como é que sabes isso?

Porque venho ter com ela de manhã, vamos para a escola juntas. Às vezes encontro-o de saída, com cara de sono, mesmo quando eu estou a chegar.

A Alma anda na escola contigo?

Cecilia riu-se. Ria-se com o corpo todo, agitando os ombros.

Dói-me, disse ela.

Mas há uma escola na ilha?

Não.

Onde fica a escola?

Temos de apanhar o barco.

Quantos alunos tem?

Somos sete. Com o Erland, oito.

Ela coçou o rosto sujo de terra.

Porque é que não contas com o Erland?

Ele não aparece todos os dias.

E estavas a ir para a escola?

Quando?

Hoje.

Quando me atropelaste?

Foi mesmo sem querer.

Cecilia encolheu os ombros e o movimento custou-lhe.

Não te mexas muito, pedi-lhe.

Está partido, disse ela.



## FINALISTA DO PRÉMIO LITERÁRIO FERNANDO NAMORA

Numa pequena ilha perdida no Atlântico, um homem procura a solidão e o esquecimento, mas acaba por encontrar muito mais.

A ilha alberga criaturas singulares: um padre sonhador, de nome Elias Gro; uma menina de onze anos perita em anatomia; Alma, uma senhora com um coração maior do que a ilha; Norbért, um velho louco que tem por hábito vaguear na noite; e o fantasma de um escritor, cuja casa foi engolida pelo mar.

O narrador, lacerado pelo passado, luta com os seus demónios no local que escolheu para se isolar: um farol abandonado, à mercê dos caprichos da Natureza — e dos outros habitantes da ilha. Com o vagar com que mudam as estações, o homem vai, passo a passo, emergindo do seu esconderijo, fazendo o seu luto e descobrindo, numa travessia de alegria e dor, a medida certa do amor.

Atmosférico, intimista e comovente, *O luto de Elias Gro* é um mergulho na alma humana. Unanimemente elogiado pela crítica, é o primeiro volume da magnífica Trilogia dos lugares sem nome, completada por *O paraíso segundo Lars D.* e *O deslumbre de Cecilia Fluss*.



«Um romance que se abre em escuridão e labareda, para que nos vejamos ao espelho.» **José Tolentino Mendonça**

«*O luto de Elias Gro* há-de guardar lugar próprio e intransmissível entre as melhores obras da literatura portuguesa contemporânea.» **João Govern,** *Diário de Notícias*





«Uma escrita vibrante, capaz de momentos de grande intensidade expressiva ou de inesperado lirismo. O melhor romance de Tordo.» **José Mário Silva,** *Expresso*

«Um retrato íntimo da mortalidade.» **Isabel Lucas,** *Público*

«Esta trilogia, assinada por João Tordo, está entre o melhor que a literatura portuguesa nos ofereceu nos últimos vinte ou trinta anos.» *Deusmelivro*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)  
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)  
 [companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN 9789897844362



9 789897 844362 >